
REVISTA DA

Periferia Brasileira de Letras

novembro 2023



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

Coordenação de Cooperação Social

**Em busca dos jardins de Bertoleza: a reinvenção
de personagens femininas negras pelas escritoras
negras na contemporaneidade**

ANDRESSA MARQUES

Sobre homens, carniça e urubus

SILVANA MARCELINA

**Poesia, movimento e ancestralidade
nas vozes de Elizandra Souza**

ISRAEL NETO E ELIZANDRA SOUZA

**A literatura em efervescência
nas periferias**

JHENIFER SANTOS E JUCELINO SALES



**PERIFERIA
BRASILEIRA
DE LETRAS**

PERIFERIA BRASILEIRA DE LETRAS (PBL)

COORDENAÇÃO DA PBL COOPERAÇÃO SOCIAL DA PRESIDÊNCIA DA FIOCRUZ

Felipe Eugênio
Mariane Martins

MEMBROS DA REDE PBL

Dudu Souza
Fabricio Brito
Joseane Marcílio
Jucelino Sales
Isadora Escalante
Israel Neto
Lara Nunes
Marcos Sá
Philippe Valentin
Reginaldo Pereira
Vanessa Almeida
Viviane Peixoto

COLETIVOS DA REDE PBL

Beabah!
B.C. Caranguejo de Tabaiães
Coletivo Papo Reto
Coletivo Sarau de Periferia
Ecomuseu de Manguinhos
Editora Kitembo
Grupo de Arte Popular A Pombagem
Periferia que Lê
Poetas Vivxs
Rede Baixada Literária
Rolê Literário
Sarau Poesia da Esquina
Slam das Mulé

EXPEDIENTE

PRESIDENTE DA FIOCRUZ
Mário Moreira

COORDENADOR DA COOPERAÇÃO SOCIAL
DA PRESIDÊNCIA DA FIOCRUZ
Leonídio Sousa Santos

ELABORAÇÃO

Felipe Eugênio
Israel Neto
Jucelino Sales
Lara Nunes
Mariane Martins

COORDENAÇÃO EDITORIAL E PROJETO GRÁFICO

Mariane Martins

ILUSTRAÇÃO

Pablo Meijueiro

COLABORADORES NESTA EDIÇÃO

Andressa Marques
Brena Maria
Clara Pinto
Elizandra Souza
Felipe Eugênio
Henry Adriel
Horrara Moreira
Israel Neto
Iza Reis
Jhenifer Santos
Jucelino Sales
Juliana Valle
Lara Nunes
Letícia Galeno Scucato
Silvana Marcelino
Will Rez
Zé Henrique



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

Coordenação de Cooperação Social

APRESENTAÇÃO

Leonídio Madureira

Coordenador da Cooperação Social
da Presidência da Fiocruz



Foto: Raul Santana-Fiocruz

A **revista da Periferia Brasileira de Letras** materializa os esforços da Cooperação Social da Presidência da Fiocruz no reconhecimento de um tipo de ator político que traz marcos inovadores para o trabalho de reforço da cidadania em territórios socioambientalmente vulnerabilizados de centros urbanos: os coletivos literários e a literatura produzida nas periferias brasileiras.

A Periferia Brasileira de Letras (PBL) está ancorada nos referenciais teórico, conceitual e metodológico de Promoção da Saúde. A concepção de que arte e a literatura são ações estratégicas para a ampliação da cidadania em territórios de favela, remete às diretrizes que, na Fiocruz, estão presentes no Programa Institucional de Territórios Saudáveis e Sustentáveis.

Destaca-se que a PBL ao se organizar como uma rede de coletivos literários de atuação em periferias em 8 estados brasileiros (Pernambuco, Ceará, Bahia, Brasília, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul) e desenvolver atividades de formação e mobilização poderá potencializar ações, a partir dos territórios, voltadas para políticas públicas saudáveis, aquela que tem a participação social no centro de sua elaboração.

Com a participação direta dos coletivos literários formados por bibliotecas comunitárias, saraus literários, grupos de teatro de rua, ro-

das de slam, círculos de leitura, residências literárias e selos editoriais, a PBL se apresenta no cenário nacional com desafio de aproximar os campos da Literatura e Leitura com o da Saúde, em seu sentido ampliado, para construção de conhecimento e ação política na perspectiva da melhoria da qualidade de vida e do bem viver.

As Políticas Públicas Saudáveis são aquelas que detém por principal característica a participação popular desde as suas etapas de construção até o monitoramento. Termo concebido e aperfeiçoado ao largo de inúmeras conferências mundiais de Saúde e de Promoção da Saúde, com destaque para as cartas de Ottawa, Adelaide e Jacarta, as políticas públicas saudáveis são um tipo de ação baseada na intersectorialidade, ou seja, na articulação entre setores, envolvendo diferentes saberes e esforços que, quando combinados, se mostram mais efetivos para transformações estruturantes do que as ações pensadas apenas em frentes isoladas.

A Cooperação Social da Fiocruz, atuando em favelas e periferias brasileiras, aposta na Literatura como importante aliada para a redução das desigualdades. Através da publicação trimestral da revista da Periferia Brasileira de Letras, buscamos fazer coro junto às vozes que acreditam na leitura e na escrita como um direito humano, combatendo o perigo da história única e a da desinformação.

PRETEXTO resenha crítica

Sobre homens, carniça e urubus

Silvana Marcelina - RIO DE JANEIRO - RJ



CARNIÇA
Rafael Simeão

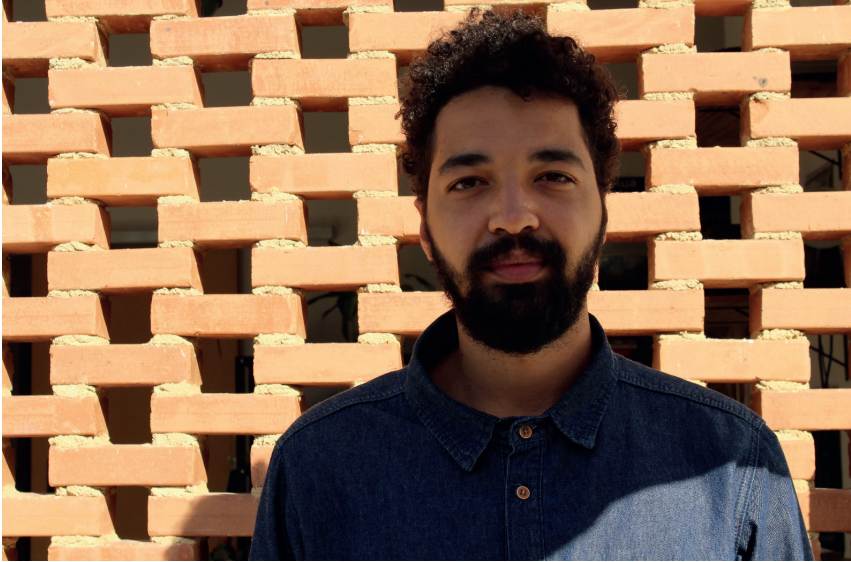
Bando Editorial
Favelofágico, 2022
136 págs.

Conheci Carniça a contragosto. Explico: estava numa roda de pessoas, num dos lançamentos onde também se lançava outro título em que a autora é uma conhecida. Fui até lá por isso, pelo outro livro. Mas enquanto me deliciava por estar de novo num rolê não planejado (soube do lançamento em cima da hora e decidi de supetão ir até lá), cercada de pessoas absolutamente aleatórias que talvez um dia quem sabe a gente se vê de novo por aí, conversando sobre país, política e feijão por cima ou por baixo, numa conversa atravessada vieram elogios e depois um debate sobre o protagonismo do livro. Opa! Estava eu com olhos ávidos pela discussão, me inteirava minimamente do enredo enquanto eles teciam suas teses e paixões pelas personagens. Tudo me pareceu interessante, mas certamente saber que o autor era meu conterrâneo pesou. A minha parte iguaçuana, que já agora é só metade da minha vida, gritou “Opa! Meu vizinho! A gente tem que conhecer seja lá o que for!”. Também me interessou, é claro, o fato de que uma das personagens é uma empregada doméstica, ocupação sobre a qual eu tenho tentado elaborar esteticamente. Assim, volto, eu me vi comple-

tamente envolvida com Carniça sem nem mesmo ter olhado a capa antes.

Começo, então, a falar da leitura que fiz com os ouvidos no debate alheio. Uma das pessoas defendia fervorosamente que Vida era a protagonista da história: mulher guerreira que só queria ter o seu momento de mãe, de satisfação com o rumo dos filhos, a casa vazia pra si, o tempo pra si, mas que, ao contrário, ainda estava ali levando o rumo da família. Sem ela, pela tese da leitora, os filhos já teriam rompido o fio que os mantém vivos um dia após o outro. É ela que, sendo rocha, garante que a estrutura familiar fique de pé. De outro lado, sem exatamente discordar da tese, outro leitor argumentava que o processo pelo qual o caçula de Vida passava, incorporando literalmente todos os princípios do neoliberalismo empreendedor do serviço de entregas para quitar a dívida do financiamento estudantil era de muito peso. “É verdade... e no momento em que ele começa a comer banana porque isso evita câibras... nossa!” O consenso nítido era um deslumbre quanto ao romance. “E aquela partezinha que ele fala da carniça? Poxa, daquele trechinho ali que ele tirou o título... muito perspicaz...” Aqui franzi a testa e apertei os olhos porque me

foto: acervo Bando Editorial Favelofágico

**Rafael Simeão**

pareceu até desnecessário haver algum trecho no enredo que justificasse o título *Carniça* de um livro em que o contexto é o imperativo trabalho precarizado de entregas via aplicativo de celular, uma estrutura de relações predatórias em todos os níveis. Pareceu-me óbvia a relação, mas os leitores insistiram que apesar disso havia um brilho no trecho em questão.

Ouvindo toda a conversa, que ainda seguia sobre como a história fisga e traga o leitor, lembrei-me imediatamente da peça de Bertolt Brecht, *Um homem é um homem*. Na peça, de um modo resumido bem grotescamente, um homem comum, de vida simples, assume a identidade de um soldado e se torna uma máquina de guerra.

Um homem,
uma sociedade
mortificante,
uma aspiração,
uma oportunidade
de realizar a aspiração,
uma transformação.

Pareceu-me um diálogo interessante e audaz, ler a contemporaneidade e encontrar nela a operação de engrenagens que ainda fazem de homens coisas mortas-vivas. É daqui, desse caldo todo, que comecei enfim a ler com os olhos o livro.

De cara, já nas primeiras páginas, senti que o narrador tinha mais peso que as personagens. Seu olhar, sua crítica, seu deboche, seu desprezo, sua complacência, sua postura julgadora, fez com que eu decretasse para mim mesma a minha defesa tardia num debate que já não existe mais: o narrador é o meu protagonista! E quem é ele, afinal? Mistério puro. Ninguém que mereça ser explicitamente mencionado e nem alguém que mereça ser desprezado. Ele tem algo íntimo com aquela nossa consciência implacável que só existe a posteriori dos nossos tropeços, inseguranças e erros. Que só existe com a distância dos acontecimentos e ainda sim conserva alguma afinidade com eles. E é ele, no meu humilde ponto de vista, o responsável por dar às linhas viscosidade. Apesar de fisgada, senti ser impossível tragar o romance com ímpeto. Li em duas semanas, sentindo quase sempre o peso dessa consciência crítica do narrador, mesmo nos momentos

de pura cumplicidade. É ele quem põe a lupa nos fatos do romance e nos revela toda a sorte de misérias, que nos pega pela mão e diz “você pode estar completamente molhada, mas você e a água são coisas diferentes”. E nisso reside um sabor amargo desejante que só chocolate 70% cacau possui.

Mas assumindo a personagem principal oficial e sua transformação, me parece que há uns toques perspicazes sobre a atualidade. Em Brecht, por exemplo, o contexto se impõe sobre o homem porque é um contexto de guerra, em que se impera o Estado de Exceção. De algum modo, essa exceção é a chave que autoriza todos os movimentos que desenrolam a trama da peça que citei. Vemos um processo de coisificação, de abandono de si numa situação extrema. O caso do nosso jovem recém-formado é bem outro, embora a violência da sociedade do romance seja tão gorda quanto na trama brechtiana. O contexto é o da prosperidade, da regra do capitalismo democrático e vencedor a pleno vapor. Mas, diferentemente do que se poderia imaginar, esse contexto não permite um rol de escolhas maior e melhor que daquele da guerra. Aqui, o contexto se impõe sobre o homem também com muita força e a chave do progresso é tão perversa quanto a da exceção. E isso ocorre mesmo que nosso herói tenha mais consciência do processo social que se impõe sobre ele. Carniça é uma trama épica contemporânea e isso se vê logo de começo, mesmo que uma porção romântica lá no fundo torça pela redenção da personagem.

O que me parece bastante perspicaz no jogo que o autor desenha é que o contexto capitalista do jovem cheio de esperança é mais complexo que

apenas o discurso da meritocracia ou o da sobrevivência ou o da vida estável.

A trinca jovem bacharel desempregado-trabalhador precarizado de carteira assinada-empregada autônoma encarna em um só tempo a agudização da vitória/crise do capitalismo. A trajetória pessoal exemplar desse jovem que se forma apesar de todas as limitações, mas não consegue um emprego digno fracassa porque esse modelo de profissionalização e carreira já é fracassado, esgotado. Nós, do nosso lugar de subdesenvolvimento, vivemos apenas o eco desse paradigma. E para isso basta ver as vicissitudes dos trabalhos de Roni e Vida - que ainda se cruzam com o refinamento da nossa história colonial. Portanto, não se trata de, com o percurso da personagem principal, por à prova o discurso meritocrático pois ele já está invalidado de princípio, desde as primeiras linhas. O romance é épico, mas não são deuses ou o discurso dominador que selam o destino do herói, senão uma base material e histórica bastante concreta.

Coopera em força poética e simbólica com o desenvolvimento da trama, o fato literário de haver nomes apenas para algumas personagens. Estabelece-se uma tensão entre identidade e trabalho ou ainda entre identidade e consciência social de si. As personagens nomeadas ou têm no trabalho um pilar para sua identidade ou possuem uma consciência bastante evidente sobre o seu estar no mundo, como é o caso de Lia, que apesar de concorrer com o herói no processo de profissionalização não é definida por ele. Seria possível traçar, inclusive, uma linha de gradação dessa tensão. Vida ocuparia uma ponta - ela é alguém que possui sua vida bastante imbricada com o trabalho, mas ao mesmo tempo mantém uma autonomia dele - e a sua irmã, vítima de violência, com

quase nenhuma autonomia, ocuparia a outra. Nosso herói, como alguém que está tentando construir a sua identidade, oscila na linha. Ele até consegue angariar um apelido, Sem-teto, mas ainda é algo que marca mais a ausência.

Nessa tensão entre ser e ser coisa, em que as personagens estão mergulhadas, salta aos olhos a solidão de cada uma. Elas convivem, interagem, se relacionam e até se apoiam, mas a dor profunda de ser apenas o que se consegue ser, é vivida em absoluta solidão. O que adensa ainda mais as experiências de construção e manutenção dos laços que são narradas. Os problemas do processo social são vividos como problemas subjetivos e as soluções apontadas são sempre individualizadas. Junto com as personagens, nós, leitores, somos jogados no poço de um individualismo imperativo. A exceção, para nos salvar do desespero, vem com a personagem Lia, que aparece quase como um oásis em meio ao deserto capitalista. Integrante de um movimento social, é ela que aponta novas possibilidades de existência. Contudo, como só a vemos pelos olhos de Sem-teto, ela fica orbitando o enredo como uma espécie de miragem, a gente vê, mas não pode alcançar. Ela é quase como o horizonte do final do filme *A classe operária vai ao paraíso* (1971), nebuloso.

Por fim, *Carniça* traz uma crítica social sagaz, adensada em pouco mais de cem páginas. É um livro falso magro, cheio de gordura para ser queimada em cada entrelinhas. Ele narra, em algum grau, a nossa jornada para conquistar a humanidade que nos é negada cotidianamente. Submetidos a relações e processos que nos reduzem a coisas, máquinas, urubus e carniça, desejamos a salvação de Sem-teto porque desejamos a nossa própria salvação. Escapar ao estado geral de putrefação já é tarefa das grandes, mesmo pra Lia. E nisso é ótimo que o romance não se rende a toda profusão romântica cultural em que o autor, eu e toda nossa geração fomos doutrinados. É preciso manter, em nossos tempos, a crítica afiada - ainda que

a nossa esperança ingênua seja degolada. Do livro, pra mim fica o mesmo tipo de sensação que tive ao ler Tchekhov, uma espécie de estuor com a profundidade de um corte feito por folha de papel.

TRECHO

Carniça

“Um sujeito solitário, paciente, minucioso se funde a uma figura que carrega o mesmo nome que ele na plataforma, se mistura às linhas azuis que se encerram em bandeirinhas quadriculadas, aos estabelecimentos e destinos. Enfim controla os algoritmos. É uma máquina de entregas voando acima de poças, grandes sacos de lixo e conformismo, uma estrutura orgânica que simplesmente aceita, recolhe, percorre e entrega para recomeçar o ciclo outra e outra vez e que quando nota já é madrugada, dezenas e dezenas de pessoas alimentadas numa noite pós-temporal devido a seu destemor.”



Silvana Marcelina, mulher, negra, oriunda da Baixada Fluminense, filha de pedreiro e de empregada doméstica. Atua como curadora, artista, educadora e pesquisadora.

TESSITURAS ensaio

Em busca dos jardins de Bertoleza: a reinvenção de personagens femininas negras pelas escritoras negras na contemporaneidade

Andressa Marques - BRASÍLIA - DF

Recentemente, em uma participação que fiz em uma mesa na Festa Literária das Periferias, a FLUP, fui questionada por um ouvinte sobre a personagem Bertoleza, mulher negra retinta do romance “O cortiço”, de Aloísio Azevedo, publicado em 1890. A conversa girava em torno dos estereótipos e do papel que algumas práticas discursivas, incluindo aquelas elaboradas pelas linguagens artísticas, têm na formação dos imaginários que as pessoas constroem sobre determinados grupos raciais. Ao final da mesa, um rapaz me perguntou se eu não achava que a Bertoleza sabia que estava sendo enganada por João Romão por ser pouco provável que ele a amasse, já que ela era violentamente explorada por ele. A pergunta que inicialmente pode parecer fácil de responder, na verdade, aponta para uma discussão complexa que me leva a pensar nas textualidades das autoras negras brasileiras e suas criações fundadoras de imagens menos abissais entre as personagens negras e um mundo narrativo historicamente edificado sob seu silenciamento.

Minha resposta imediata foi negar o que parecia ser um aceno à culpabilização de Bertoleza pela situação opressiva que vivia junto a João Romão, homem que lucrava com seu trabalho exaustivo, além de ter gastado, sem permissão, o dinheiro que ela poupou para a compra de sua alforria. A rotina acachapante de Bertoleza funcionava como a única maneira de ela estar no

mundo. A personagem não comungava de outros espaços que lhe permitiam a expressão de sua subjetividade se não aqueles atrelados ao trabalho: Bertoleza “contentava-se em suspirar no meio de grandes silêncios durante o serviço de todo o dia” (Azevedo, 2011, p. 223).

O fato é que Bertoleza está comigo há anos e sempre que lamento seus suspiros no ‘meio de grandes silêncios’, automaticamente me obrigo a buscar a voz, a agência, as escolhas e a complexidade de outras personagens negras na nossa literatura para recompô-la em mim. Essa inquietação se transformou na linha de raciocínio que desenvolvi nas minhas pesquisas de mestrado e de doutorado. Na dissertação, de 2013, refleti sobre a construção e representação de personagens femininas negras que tinham relevância e destaque nos enredos a fim de observar justamente os contrapontos: qual seria a substância e a agência delas quando da elaboração das imagens literárias de escritoras e também rappers negras? Já na tese, de 2021, quis entender como a obra das autoras negras se inserem no continuum criativo do povo negro e refletem acerca da herança cultural brasileira e que, por isso, deve fazer parte da transmissão dos saberes feita pela escola. A tese propõe ferramentas para reinserir o conhecimento elaborado pelas mulheres negras, a partir de suas literaturas e seus ethos de escritora, nos estudos literários na sala de aula.

Buscar a agência, a subjetividade e a complexidade elaborada para as mulheres negras na literatura são ações nutridas por um sentimento de profundo incômodo por obras como a de Azevedo que confinaram Bertoleza à prisão de “matar-se para poupar ao seu ídolo a vergonha do seu amor” ao invés de revelar a agência, mesmo que trágica, de quem se rebela contra a escravidão ainda que pelas vias do suicídio, como fez Bertoleza no desfecho do romance naturalista que descreve detalhadamente uma das mortes mais violentas e chocantes da nossa literatura. Antes de tirar a própria vida cortando seu ventre com a faca amolada com a qual ela limpava peixes, Bertoleza sofreu assédio e perseguição por parte de João Romão: “A infeliz vivia num sobressalto constante; cheia de apreensões, com medo de ser assassinada; só comia do que ela própria preparava para si e não dormia senão depois de fechar-se a chave” (AZEVEDO, 2011, p. 255).

O que consegui ver no desenvolvimento dessas pesquisas é que a textualidade das autoras negras dá a ver a outros mundos de subjetividades complexas e profundamente humanas como resposta às construções rasas e carentes de camadas intrínsecas à condição humana. Fernanda Rodrigues Miranda (2019), em sua tese, “Corpo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006): posse da história e colonialidade nacional confrontada”, contabilizou um total de 17 novas escritoras negras publicando romances entre 2006 e 2019. O número ainda é baixo, mas se comparado a toda a história da literatura brasileira e suas 11 romancistas negras, percebemos que o cenário contemporâneo para a produção literária dessas escritoras é inédito e alvissareiro. (MIRANDA, 2019, p. 35)

Como exemplo desse movimento reinventivo, trago a personagem Eunice do romance “Solitária”, de Eliana Alvez Cruz (2022).



foto: Jaqueline Lisboa

Andressa Marques

Eunice é uma mãe que dedica toda sua vida ao trabalho de empregada doméstica na casa de uma família branca da elite brasileira contemporânea. As diferentes perspectivas narrativas que o romance apresenta seja de Eunice, seja de sua filha Mabel, seja do quarto minúsculo em que ela viveu para trabalhar sem incomodar, vão construindo toda a complexidade de mundos e visões que nos leva a estranhar e também nos aproximar das escolhas, individualidades, aceitações e rebeliões daquela personagem.

É isso que o ato de escrever, principalmente o ato de escrever literatura, tem de disruptivo. Não se trata de romantizar existências e motivações de personagens, mas de conferir à imaginação o papel de pro-

mover o “acesso gentil aos outros” (MORRISON, 2019, pp. 60-61). Em “A origem dos outros: ensaios sobre racismo e literatura”, Toni Morrison (2019) reflete sobre seu projeto literário que buscou fazer com que leitores exógenos conseguissem experimentar o sentimento da indiferença racial através das imagens construídas pelas palavras nas narrativas. Para ela, o mundo de outremização, ou seja, “ser ou tornar-se estrangeiro” é uma experiência que pode ser articulada pelas imagens narrativas. Para Morrison, a violência extrema e o fetiche em torno dela quando da representação de personagens com Bertoleza tem como objetivo de tornar a experiência negra cada vez mais estrangeira, distante e a alheia à experiência do grupo branco. Em sua reflexão, Morrison frisa que esse estrangeiro criado, esse outro, não é desconhecido, mas sim aleatório, solto, alheio. A desarticulação dessa escassez de experiências ganha mais força quando a obra literária opta pela cultura como reveladora do narrado, daí a nossa oportunidade de alargarmos nossas visões de mundo a partir das camadas edificadas pela experiência de Eunice no mundo a partir de sua vida interior, antes, outra, desconectada, indiferente, um anexo distante como toda solitária.

Há uma reinvenção/invenção proposta pela escrita literária das mulheres negras que elimina barreiras de estereótipos e alheamentos. Testemunhamos hoje um movimento histórico que se funda num contínuo criativo que precisamos sempre lembrar: é antigo e tem lastro numa cultura que atravessou o Atlântico e perdurou. Para encerrar essa breve reflexão sobre o movimento proposto pela literatura das autoras negras, trago um trecho de Alice Walker, no belo “Em busca dos jardins das nossas mães”, em que ela reflete sobre uma de suas principais inquietações como escritora: “Cada escritor escreve partes que

faltam na história do outro. A inteira é o que me interessa” (WALKER, 2021, p. 51). Sigo em busca dos jardins de Bertoleza.

Referências:

- AZEVEDO, Aluísio. O cortiço. Ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- CRUZ, Eliana Alves. Solitária. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- MORRISON, Toni. A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura. Tradução Fernanda Abreu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. Corpo de romances de autoras negras brasileiras (1859- 2006): posse da história e colonialidade nacional confrontada. 2019. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019
- WALKER, Alice. Em busca dos jardins das nossas mães: prosa mulherista. Tradução Stephanie Borges. – 1 ed. – Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

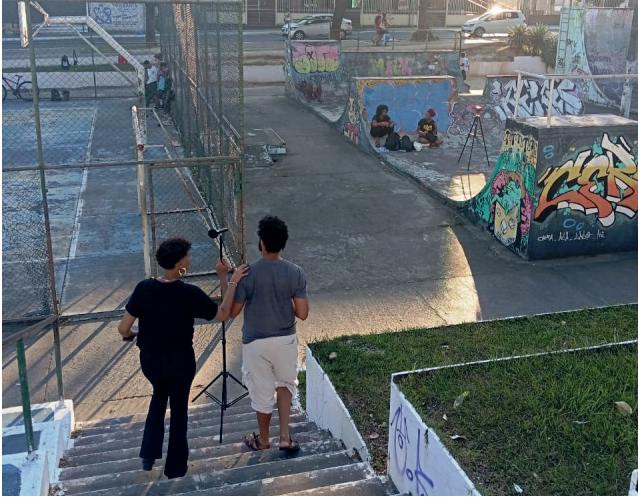


Andressa Marques, é escritora e doutora em Literatura pela Universidade de Brasília. Atualmente, é Coordenadora-Geral de Livro e Literatura, na Secretaria de Formação, Livro e Leitura do Ministério da Cultura.

NAS BORDAS reportagem

Nos corações do Brasil

Felipe Eugênio - RIO DE JANEIRO - RJ



fotos: Acervo Periferia Brasileira de Letras

Foto 1: Slam das Mulé - Camaçari (BA), foto 2: Grupo de Arte Popular A Pombagem, Salvador (BA).

Capítulo I - O que levou a Fiocruz a identificar na literatura uma chance para a democracia a partir das favelas?

Estamos inaugurando uma série que busca explicar o que levou a Fiocruz a identificar na literatura - a partir das favelas e periferias - um fenômeno que oferece *uma chance* para a democracia brasileira. Esses escritos se baseiam no giro que, Mariane Martins e eu, ambos pesquisadores da Cooperação Social da Fiocruz, pudemos fazer nas inúmeras cidades onde estão os treze coletivos da Periferia Brasileira de Letras (PBL). Filmamos a maioria dos gestos, dos territórios, dos enunciados que nossos entrevistados deram ao documentário que estamos produzindo. Porém, há uma lista de detalhes que, vistos de perto, em cada lugar, nos permitiram a seguinte idéia: se há alguma chance para esse país, no mínimo de normalizar a democracia (ainda que a burguesa), essa ocasião radical virá protagonizada pelas perifas brasileiras.

Vamos aos eventos - e à uma breve apresentação

Na data da publicação desse texto, já estivemos nas regiões metropolitanas e periferias de Fortaleza, Recife, Salvador, Brasília e Belo Horizonte. Em breve visitaremos também Porto Alegre, São Paulo e por fim, Rio de Janeiro. Encontramos com coletivos literários que integram a rede PBL. Na maioria deles, foi a primeira vez que os visitamos após mais de 2 anos de trabalho remoto com 13 coletivos permanentes, junto com os quais acessamos outros mais 160 coletivos literários de periferia. Ora com pesquisa,

fotos: Acervo Periferia Brasileira de Letras



Foto 3: Biblioteca Comunitária Caraguejo Tabaiars - Recife (PE), foto 4: Periferia que Lê - Fortaleza (CE).

ora com reuniões virtuais ampliadas. Achemos aquilo que justificou a Fio-cruz nos manter nessa toada: as mais interessantes formas de organização popular acontecendo em territórios economicamente empobrecidos, estava vindo das cenas literárias.

Antes, porém, o que é essa tal Periferia Brasileira de Letras? Formada por rodas de slam, companhias de teatro de rua, saraus poéticos, editoras e selos independentes, residências literárias, rodas de leitura e bibliotecas comunitárias, a PBL tem nessa diversidade de modos de se organizar coletivamente, utilizando a palavra poética, a sua identidade. Ela é uma iniciativa da Coordenação de Cooperação Social da Presidência da Fio-cruz, que a coordena e a municia com o arcabouço da Promoção da Saúde (interessantíssimo campo da saúde, que depois, em outros episódios, melhor trataremos) para fomentar a expansão do Estado Democrático de Direitos para o que chamamos de territórios socioambientalmente vulnerabilizados. Alcançar em favelas e periferias os cenários de Governança Territorial Democrática é um desafio que incorpora diferentes ações, e que, no caso da compreensão da literatura como área cultural estratégica para a ativação da cidadania, passa por mobilizar atores sociais locais para práticas de reunião, confraternização, debate livre e até mesmo propositivo sobre a autodeterminação popular.

fotos: Acervo Periferia Brasileira de Letras



Foto 5: Coletivo Papo Reto - Planaltina (DF), foto 6: Coletivo Sarau de Periferia - Contagem (MG).

Em suma: a PBL é uma rede de coletivos literários que, calcados na perspectiva sanitarista, visa amplificar as práticas de participação social em favelas, buscando na sua prática mostrar que as organizações populares na favela e da cultura podem sua interlocução com o poder público, fazendo-o se atentar e movimentar ações para atender às demandas dos que mais precisam - ou onde as políticas públicas não chegam; ou no caso de chegarem, e quando chegam, são marcadas pelo arbítrio e autoritarismo dos que privatizam interesses da classe trabalhadora.

Assim, chegando - finalmente - aos eventos, estamos tratando do encontro nosso (Mariane Martins e eu, Felipe Eugênio) com as páginas reais: moradores da favela, os militantes que estão nas favelas, os territórios de periferia de centros urbanos e as pessoas que, com literatura, têm reunidos outras muitas pessoas e daí seguem enveredando por pautas extra literárias: direito à cidade, violência urbana, educação popular, moradia, políticas do cuidado e até, claro, o direito à cultura.

Na Fiocruz, fazendo pesquisa-ação junto às organizações de base sócio comunitária e movimentos sociais, trabalhamos sempre com o horizonte de políticas públicas como soluções mais estruturantes para mitigar as mazes impostas às favelas. Durante as filmagens, achamos que não existe mais

bobo nem no futebol, menos ainda na militância literária desses territórios: todos apontavam, entre as articulações e as atividades que cumpriam, galgar os caminhos que levassem para a territorialização de políticas públicas.

Percorremos até agora cinco capitais, outras quatro cidades de região metropolitana, e o que se revelou nas imersões nesses coletivos da PBL foi que estamos diante de uma tecnologia do fazer político que aponta um novo. Ou, arrisco dizer, um futuro - menos preocupado em ser novidadeiro e sim em fazer-se aperfeiçoamento da história das lutas sociais. Um futuro promissor? Um futuro duro, porém mais com possibilidades contra a hegemonia.

De metáforas e de tempos vindouros

É chegado o tempo desse texto abusar do uso de imagens. Torço para que o leitor sobreviva a esse momento um tanto forçoso do relato - mas é condição sintomática do quanto também fomos tocados pelo que vimos ao filmarmos.

Se pudéssemos pensar no futuro e pudéssemos eleger um ponto de partida para construir, na experiência brasileira, um modelo de sociedade não mais pautado pela tragédia - que se arrasta desde a escravização e dos genocídios negro e indígena - de onde é que nós partiríamos?

Vá que o Brasil fosse um corpo adoecido e tratássemos dele fazendo *do-in*. Quando precisássemos buscar a cura através das picadas, de inserir agulhas aqui e acolá; em quais partes dessa carne chamada Brasil iríamos espetar as ferramentas?

Sem medo de parecer piegas, eu diria que no coração. E o coração do Brasil é uma casa de palafitas e seus contextos. As pessoas que ali sobrevivem são moídas para que outros possam super viver. É preciso que algo afete os que super vivem, os privilegiados. São mantenedores da máquina de moer seres humanos desde que mais negros, desde que mais pobres. E como não é possível acreditar em auto expiação, necessariamente estamos considerando como sujeitos transformadores da história aqueles que, injustamente, estão na outra ponta da balança, às vezes até de ponta a cabeça.

O coração maltratado do Brasil é múltiplo. São milhares de favelas e periferias que fazem pulsar, ainda, um país adoecido. Apesar do resto da carne, as quebradas ainda pulsam. Pulsam e também mofam. Todos mofamos. Todavia, ali está o Brasil que sustenta tudo e que não acumula quase nada: nas favelas, nas quebradas, nos subúrbios, nas baixadas. Esse é o BR que está limpando a casa dos abastados, que está colocando tijolo sobre tijolo num desenho lógico, é o Brasil que conduz o ônibus, e é também o Brasil que cura no hospital, e que trabalha de TI das empresas, e que produz vidro e remédio, e que também faz bons filmes de cinema - porém, baixa renda, a classe trabalhadora que tudo produz o faz sob a precariedade das condições materiais. Vimos em Camaçari, para se ter uma idéia, com as meninas

incríveis do Slam das Mulé um país que pulsa misturando rua, com negritude, com academia, com música, com erudição, com feminismo, com se meter na política local sim, e, nessa última parte, sem qualquer nojinho de ter partido. E se nem todas são filiadas a, todas tomam partido.

Essa introdução - que se instala entre o clamor de antropólogo pedetista que inventa cieps e a versão expandida de letra do Aldir Blanc - se tornou necessária diante das sístoles e diástoles que o documentário da Periferia Brasileira de Letras nos mostrou: o movimento desses corações do Brasil, experimentos de resistência que são hiper democráticos, nos quais é possível acessar um cotidiano onde fazer participação social - mobilizando e formando pessoas - advém das ocasiões livrescas, poéticas, artísticas e dos folguedos. E daí se desdobra para disputar com os grupos políticos locais a guinada rumo às transformações necessárias.

E se a expressão que agora virá causar confusão, façam favor de lembrar que é mais difícil explicar os motivos que alicerçam as diversas misérias dessa grande periferia do capitalismo. Eis a frase: a saúde se importa com a fome e a pobreza quando não a tolera, e uma das reações possíveis, em médio e longo prazos, está na força política da literatura dentro dessas palafitas, verso e reverso de um apocalipse que felizmente não se conclui.

Aqui será importante repetir e repetir. Reafirmar até que não existam dúvidas: os corações do Brasil são as favelas e as periferias: é ali que se faz pulsar um país. Invisível ao olhos e fundamental para todo o organismo, esses corações são os lugares onde a Cooperação Social da Fiocruz entendeu que a literatura pode e serve como uma pedra de toque em relação à crise democrática que vemos, pois ela, a literatura, nas favelas desafia (não frontalmente, mas subterraneamente) os modelos autoritários das violências decorrentes do consórcio do capitalismo à brasileira: grupos que dominam territórios pelas armas, modelos de segurança pública que imprimem o medo generalizado sobre e em cima das favelas, parcerias público privadas visando eleições (com instituições nem sempre republicanas, ou quase nunca) e um caudaloso caldeirão que nos forja como nação, a cultura do racismo, pilar e sapata do projeto brasileiro. Mas baixemos a bola desse Darcy Ribeiro que volta as vezes a nos soprar o ouvido e vamos para os próximos capítulos.

Cada cidade, um coletivo; cada quebrada, uma pulsação

A série que aqui começa - e que agora terá o crepúsculo de seu texto debutante - utilizará por título essa expressão glauberiana - ou até mais para Vianninha -, “Nos Corações do Brasil”, porque há um modo de fazer as filmagens da Periferia Brasileira de Letras que, acessando os métodos de ação e os afetos mobilizados pelos coletivos literários, encontramos (na diversidade de modos) possíveis sínteses sobre o ato de produzir política que nos cativou, nos permitindo acessar de cor uns novos brados de luta,

reunindo às lutas sociais umas novas cores, uns mesmos cores, sem abrir mão dos velhos paradigmas que provocarão materialidade à justiça social.

A Bahia, caetanamente estação primeira do Brasil, será a primeira parada na próxima edição da coluna. Lá estivemos com A Pombagem (cia. de teatro de rua) e com sua imensa teia de articulações políticas. E, ainda na terra da Ministra da Cultura, com as já citadas guerrilheiras de Camaçari, o Slam das Mulé, que nos trará assunto para o mesmo episódio, vamos entender as atualizações sobre feminismo, negritude e luta de classes - que é o que as baianas têm. Angela Davis adoraria o Slam das Mulé, pois elas são extensão do trabalho da Lélia Gonzalez - numa versão com rimas e músicas. Que venha esse próximo episódio com dendê.

Se por um lado as nossas câmeras capturaram os corpos também dizendo, aqui, nesse espaço, vamos priorizar o terceiro plano das coisas; além da dimensão dos determinantes sociais da saúde das coisas. Não se espantem com os nomes dos conceitos, antes aparecerão as pessoas: de Fabrício Brito a Lara Nunes, entrando por todo um cortejo de personagens que se fazem reconstituintes desse grande organismo adoecido, dessa avenida chamada Brasil.

Vamos tratar do que ainda pulsa. E assim enveredaremos por Bom Jardim em Fortaleza e por Caranguejo Tabaiaras no Recife, não sem depois cairmos para Contagem, em Minas, e Planaltina, no Distrito Federal.

Veremos que as quebradas, além de rimas, também produzem solução nesse vasto, vasto mundo de raimundos que - apesar das farias limas - são vastos de coração.



Felipe Eugênio é pesquisador da Fiocruz, onde coordena a Periferia Brasileira de Letras. Fundador e editor do Bando Editorial Favelofágico, desenvolve residências literárias para autores periféricos; e, com eles, mira na Casa de Las Américas.

DÁ O PAPO entrevista

Poesia, movimento e ancestralidade nas vozes de Elizandra Souza

Israel Neto - SÃO PAULO - SP

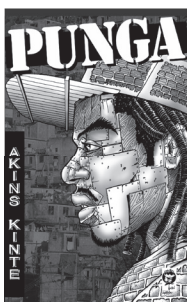
Elizandra Souza - SÃO PAULO - SP

foto: Larissa Rocha



Elizandra Souza

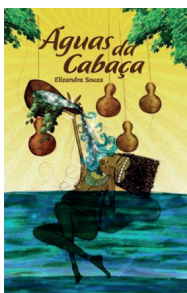
Elizandra Souza é um dos nomes mais conhecidos dos movimentos de literatura periférica e negra. Com uma carreira de mais de duas décadas, a poeta, fruto da geração racionais, como a própria mesmo diz, pública sua primeira obra com uma editora de mercado, *Filha do fogo - 12 contos de amor e cura* (Global, 2023). Longe de ser o auge de sua trajetória literária, que se inicia com fanzines no início dos anos 2000, distribuídos via correio e em eventos de Rap, renunciando sua formação acadêmica na área de comunicação e a tornando rosto conhecido no circuito. Elizandra fincou na cena da literatura paulistana clássicos como as obras; *Punga* (Edições Toró, 2007) e *Águas da Cabaça*, 2012 (poesias). Fundou o coletivo Mjiba, hoje selo editorial, onde publica e promove um espaço de acesso à literatura negra feminina, seja por suas próprias obras ou por publicações de antologias que já reuniram dezenas de mulheres negras de todo o país. Hoje Elizandra divide seu tempo em formações sobre sua vasta pesquisa da produção negra feminina, eventos de promoção de seus livros e apresentações poéticas com o coletivo Sarau das Pretas. Entre todas essas tarefas, nossa consagrada poeta separou um tempo para conversar conosco sobre sua carreira literária, leitura, produção periférica e negra e muito mais.



PUNGA
Elizandra Souza
e Akins Kintê

Edições Toró, 2007
xxx págs.

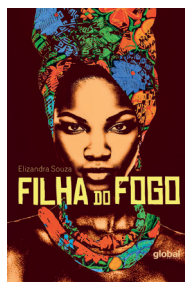
Punga – Traz a energia do começo e do nascimento, dentro da literatura periférica em sinergia com a literatura negra. Experiência literária que me potencializou como escritora. É um livro iniciático em todas as instâncias desde os textos, os autores e os leitores. Traz a potencialidade da minha escrita em harmonia com a escrita do Akins Kintê. Organizado pelo Allan da Rosa.



PUNGA
Elizandra Souza

Editora Mjiba, 2012
xxx págs.

Águas da Cabaça – Este livro é a possibilidade que podemos navegar em águas seguras e mergulhar dentro da literatura. Também estreei como editora, mesmo com todas as inseguranças e descridibilidades é um livro que foi construído com mãos de mulheres negras em todas as etapas do processo editorial. Os capítulos são citações de autoras negras que me são referências, pois acredito muito em Ubuntu, sou porque somos. Nesta edição apresentei poesias mais intensas e com experimentações literárias.



FILHA DO FOGO
Elizandra Souza

Editora Mjiba, 2020
xxx págs.

Filha do fogo – Este é um livro de recomeço literário, após um bloqueio criativo. Ele apresenta a minha prosa poética, a ficção por meio dos contos. Este projeto literário foi o primeiro que eu investi 100% do meu tempo e do meu dinheiro. Os dois anteriores tiveram subsídios de editais públicos. Um livro que nasceu com muitas expectativas de alcance e no meio do caminho teve uma pandemia. É um livro com muito afeto inspirado em memórias da infância, também tem as experimentações narrativas.



FILHA DO FOGO
Elizandra Souza

Editora Mjiba, 2020
xxx págs.

Quem pode acalmar esse redemoinho de ser mulher preta? – Este é um livro dedicado diretamente a Orixá feminina Iansã, pois no livro anterior *Filha do Fogo* já tinha a orixalidade presente como uma sugestão a Sangô, neste a homenagem é direta, desde a ilustração de capa e os poemas dedicados a rainha das tempestades. Poesias que trazem muitas inspirações. Nesta edição traz um amadurecimento de quem sabe conduzir uma travessia e uma experiência literária assim como é a vida com suas brisas leves, tempestades e redemoinhos. Esta edição é bilíngue português e inglês para alcançar mais pessoas em outras culturas.

Sente que sua escrita mudou durante esses mais de 20 anos? Como?

Escrita é exercício e pertencimento, é intimidade eu me sinto mais íntima da minha escrita com o passar dos anos. É uma relação duradoura no qual me dispo sem pudor, é uma escrita mais visceral, mais intencionada. Djamilla Pereira de Almeida vai chamar essa intimidade de “restituição da interioridade” ou melhor dizendo hoje me sinto morando na minha escrita, minha escrita é minha casa, no qual cada cantinho foi pensado, elaborado, não é só uma escrita baseada na inspiração, no improviso que deu certo. É uma literatura que tem moradia, endereço próprio, móveis com confortos e desconfortos intencionais.

Como é após 20 anos de carreira ser publicada por uma editora de grande porte?

Reeditar “Filha do Fogo – 12 contos de amor e cura” pela Editora Global está sendo uma experiência interessante e respeitosa. Essa oportunidade está em trânsito, mas eu estava pronta para ela, com uma experiência de 22 anos de trajetória literária e 10 anos de experiência editorial, publicando os livros da Editora Mjiba. Ser editada é bem interessante, pois eu sendo autora e editora dos meus próprios é um descrédito duplo. Ela escreve e ela edita? Quem ela pensa que é? Será boa mesmo a literatura que ela faz? No mínimo eu acreditei muito em tudo que escrevo durante todos estes anos. E ter este momento de ser editada por uma editora tradicional com 50 anos de história é a minha possibilidade de alcançar mais leitores, distribuição, lugares que a minha literatura independente não alcançou, por falta de oportunidades e não por falta de qualidade. Estou feliz, esperançosa e com boas expectativas.

Qual o retorno dos leitores e leitoras sobre suas obras?

Uma das devolutivas literárias que mais chama a minha atenção é sobre a identificação seja com os personagens, com os cenários, com os sentimentos, sempre me falam, principalmente as mulheres negras que elas sentem como se elas mesmas tivessem escrito. Uma vez uma leitora me questionou sobre a morte de um personagem até hoje fico pensando como seria escrever aquela história de uma forma diferente. E mesmo diante de tantas reflexões eu penso que o personagem cumpriu a sua travessia na narrativa. E o legal de tudo isso é que essa identificação cria essa intimidade com o texto. Este lance da identificação tem duas facetas: Faceta 1: gosto muito deste texto. Faceta 2: este texto é tão parecido comigo que eu poderia ter escrito. Podendo ir da valorização ao descaso. “Mas este texto eu poderia ter escrito”. Este “eu poderia ter escrito” pode tá dentro de um grande abismo. Amo os leitores e leitoras, nossa literatura só tem sentido quando promovemos este encontro da obra com seu público. E o escritor ele não é o seu próprio público. Teve uma época na cultura hip hop que falava assim, estou cantando para os próprios rappers ou para os mesmos de sempre. Isso era bom e ruim, pois era um público tipo seletor. Mas ao mesmo tempo denunciava que não tinha construído um público consumidor daquela música.

Eu penso que estamos sempre nesta questão para quem estamos escrevendo? E quem está nos lendo?

Esta é uma das vantagens de ser independente, pois conhecemos nosso público leitor na hora da venda do livro.

A literatura negra e periférica está ligada há algum tema ou estética?

Ambas estão conectadas com estética voltada para a ancestralidade de uma forma ou de outra. Cheguei à conclusão que temos uma linhagem literária seja na literatura negra ou na periférica, estas duas convergem em determinados pontos, mas uma não exclui a outra. Nem toda literatura negra é periférica e nem toda literatura periférica é negra. Apesar de que a maioria da literatura negra é periférica e a maioria da literatura periférica é negra. Parece confuso, mas é isso, se parecem, mas não são iguais. Canela é canela, cravo é cravo. E a mistura dos dois fica uma delícia. Se uma receita pede canela, você até pode substituir por cravo, mas não vai ficar bom. Os temas e as estéticas tem uma predominância, mas não é uma verdade absoluta. Reparo que na literatura negra e periférica produzida pelas mulheres negras afetividade, pertencimento, território, espiritualidade, identidade, denúncias raciais, sociais e de gênero tem uma predominância. Na estética do texto, as poesias são a grande maioria, seguida da escrita de diários e cartas, na ficção temos os contos e crônicas, os romances ainda são exceções nas nossas produções.

Em sua pesquisa sobre a produção feminina negra na literatura nacional, quais elementos, autoras, obras, característica pode destacar?

A maioria das nossas autoras publicaram de forma independente, a partir de Maria Firmina temos 163 anos de história, ou seja não estamos começando agora. Autoras e suas obras que acho fundamental todos nós lermos:

Ruth Guimarães - Água funda (1946);
 Carolina Maria de Jesus - Quarto de Despejo - Diário de uma favela (1960);
 Geni Guimarães - A cor da ternura (1991);

Claudia Canto - Morte as vassouras (2004);

Ana Maria Gonçalves - Um defeito de cor (2006);

Dinha - De passagem mas não a passeio (2006);

Elizandra Souza - Águas da cabaça (2012);

Conceição Evaristo - Olhos D'água (2014);

Jenyffer Nascimento - Terra Fértil (2014);

Raquel Almeida - Contos de Yonu (2019);

Como você se prepara para escrever? Quais são seus ritos e rituais para canalizar as inspirações?

Na maioria das vezes vou escrevendo poesias e contos quando eles me visitam e me inquietam, são em momentos e lugares mais variados possíveis. Eu tenho dificuldade de ter uma rotina de escrita. O que eu mais faço como ritual de escrita é ler muito outras obras literárias e livros de referências. Estou sempre anotando ideias para desenvolver posteriormente. Mas quando eu mergulho em um projeto editorial, pesquisa e mergulho em todas as possibilidades para que o projeto seja uma experiência literária inesquecível. Nessas ocasiões eu faço uma auto curadoria do que eu venho produzindo e me torno monotemática.

Quais dos seus poemas poderão ser lidos daqui há 100 anos? Por que?

O poema "Insubmissão Ancestral" é um poema destes que a ancestralidade é o nosso caminho de encontros, de quando as coisas estiverem boas a gente referencia e quando não estiverem também. É a nossa convergência de lugar... Ancestralidade responde muitas das nossas buscas e inquietações. Daqui há 100 anos ainda é a ancestralidade que vai permanecer. Espero que até lá o racismo já seja coisa do passado, assim como o machismo. Que seja um tema ultrapassado e retrógrado. E que nós

INSUBMISSÃO ANCESTRAL

Há tempos todos os dias, há uma voz
a soprar em meus ouvidos...
Dias que me acalmam, pede paciência e espera
Dias que me afoitam, vai pra cima, afronte!
Águas que recuam, águas que avançam
Fogo que alastra, ventos que espalham
Bambu que verga mais não quebra
Balança mais não cai

Há um mapa ancestral na minha cabeça
com avenidas, ruas, trilhas, becos e vielas
Estradas sem fim com mil andanças
das pretas velhas que vieram antes
das pretas novas que acabaram de passar
dos espíritos inquietos que não descansam
Há tempos todos os dias, as ancestrais estão a me guiar...

como ancestrais do futuro possamos ventar bons ventos para os que virão...

Para além da poesia, seu repertório conta com contos, contos infanto juvenis e textos jornalísticos. Como é experimentar esses outros estilos? O que ainda falta produzir?

Poesia tem sido a casa da minha escrita. O conto tem sido uma sala que gosto de visitar. E o romance é um lugar que ainda quero passear, um jardim que ainda está do lado de fora, mas que pode vir a entrar.

Espaço para dizer sobre o que não foi perguntada, mas quer muito compartilhar.

Gostaria de deixar um recado estamos admitindo leitores, nossa procura por leitores é constante. Seja você também um leitor uma leitora de literatura negra feminina. Podemos mudar o slogan de “ninguém lê” para “todo mundo lê”. Gratidão pelo momento de aprendizado nesta entre(vista). Asé!



Elizandra Souza
Escritora, Poeta, Jornalista,
integrante fundadora
do Sarau das Pretas, ativista
cultural há 22 anos.

MARGINÁLIA artigo científico

A literatura em efervescência nas periferias

Jhenifer Santos - PLANALTINA - DF

Jucelino de Sales - PLANALTINA - DF

Introdução: expansões do literário na modernidade tardia

A cena da literatura brasileira já não é mais a mesma. O palco que anteriormente até o passado próximo, embora com todas as infiltrações e insubmissões potentes dos desgarrados, subalternizados, oprimidos e subestimados, se acercava com as amarras, correntes, grilhões e estratégias de diferenciação no centro e em convergência para o centro, por meio de formas discursivas e ideológicas de singularização de seu mistério, agora mais do que nunca, com a revolução do pensamento, a democracia do sentimento, a multiplicidade, a política da diferença e a ética do lugar de fala se alastra profundamente em movimento de divergência convergente para as bordas, as margens, os guetos, as periferias, espraiando seu território expandido numa dilatação inesgotável e recriadora de seu mistério.

O café e o boulevard, ambientes paratópicos¹ por excelência que conotavam o território reservado para o encontro com o autor, cenas de um não tão distante século XIX em que não casualmente o nosso maior escritor, o negro Machado de Assis, frequentava, é em nossa modernidade tardia substituído por salutare paratopias de limiar coletivo e solidário: o bar, a rua, a praça. A mesma praça – arena livre – que, aliás, Castro Alves fazia, com grandiloquência, palanque para o turbilhão declamatório² de sua palavra libertária e denunciadora do navio negreiro, metáfora dolorosa da consolidação escravagista de nosso mais desalentador trauma histórico e que hoje a cultura Hip Hop, a batalha de rima, o slam, o sarau de rap (e outras vocigrafias³) retoma, à força da voz, do levante e da performance, em múltiplas e heterogêneas declamações e musicalidades, em múltiplas letras, oralituras⁴, excessos e formas poéticas espalhadas e espalhando-se cada vez mais e com mais empoderamento pelas vielas, becos e memórias dos territórios socioambientalmente vulnerabilizados.

Não basta mais falar literatura no singular, mas embora continuemos

¹ O linguista e estudioso do discurso literário Dominique Mainegueau define a paratopia como um território fora de lugar que, nas palavras dele: "localidade paradoxal, paratopia, que não é ausência de lugar, mas uma difícil negociação entre o lugar e o não lugar, uma localização parasitária, que retira vida da própria impossibilidade de estabilizar-se" (2016, p. 68).

² Sobre a verve retórica do poeta, o biógrafo Francisco Pereira da Silva em suas remissões, relata um 11 de agosto de 1865 em que Castro Alves, sob um silêncio geral, recita com solenidade e profunda comoção no casarão da Rua do Hospício o poema O século. Após a recita, atroam-se palmas de estudantes frenéticos com delírio geral da plateia (2001, p. 85).

³ Termo brevemente aludido por Paul Zumthor em A letra e a voz, para se pensar uma nova ciência que se ocupasse da voz, posteriormente retomando em ensaio por sua tradutora no Brasil e uma das pesquisadoras brasileiras mais alinhadas ao seu pensamento, Jerusa Pires Ferreira, e dilatado na tese de Roberta Marques do Nascimento, Vocigrafias, na qual empreende o percurso histórico da origem da noção e o estende conceitualmente "[...] com atenção voltada não só para os (as) indivíduos(as), mas também para os ambientes e contextos históricos, políticos, sociais e culturais de onde emana a voz. Formam-se, assim, pequenos mapas

singularizando a palavra, sua universalização é definitivamente plural. Assim, onde se escreve literatura, ressoa literaturas, porque na mesma desmedida em que as culturas são múltiplas, heteróclitas e multifacetadas, as literaturas são inumeráveis, diversificadas em seus traços, formas, marginalias, pretextos, elos e confrontos.

Em cada rapper, poeta, mc, slammer pulsa um griot, pulsa um homero – aedo, rapsodo, vate – cantando para a musa de seu delírio (divino, mítico ou terreno) a natureza criativa de sua experiência estética contida no trabalho poético do artífice da palavra, uma vez que debulha em nós certa sensação “de intensidade que não encontramos nos mundos histórica e culturalmente específicos em que nos encontramos” (GUMBRECHT, 2010, p. 128).

Há muito a avançar. Solitárias ou solidárias, provenientes do trabalho meticuloso com a palavra no gabinete de trabalho, seja uma mesa de estudo capenga ou o improvisado de outro móvel instalado na casa de alvenaria, seu lar, ou provenientes da cena compartilhada de saraus e/ou outros espaços divergentes, no improvisado da astúcia vocal e performática, as escrevivências, autoficções, projetos, estéticas, performances, oralituras, enredos, poemas e criatividade pulsantes no âmago de cada escritor marginal e periférico conformam a amplidão de uma extensa, polivalente e rizomática colcha de expressões literárias dispersas nos territórios socioambientalmente vulnerabilizados.

Mas a prepotente geografia do abandono, da inércia, da invisibilidade e do apagamento ainda é imensa e devastadora. E essa geografia exclusivista desafia e nos atinge com a máquina podadora do cânone estabelecido, mas não somente, e também com a falta de explorações críticas, teóricas, incursões historiográficas que viabilizem e endossem a caudalosa produção literária marginal e periférica, embora essa falta, nos dois últimos decênios, principalmente após a guinada contestatória e produtiva de autores como Ferréz e Sérgio Vaz (NASCIMENTO, 2006), atravesse a significativa insurgência de um território contestado.

Regina Dalcastagnè pondera que nesse território em disputa – o espaço literário brasileiro –, “o que está em jogo é a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo, de se fazer visível dentro dele” (2012, p. 5). Ela frisa que a disputa pelo espaço, seja sua inscrição no mapa social ou numa narrativa, gera as fricções, fraturas e distanciamentos que posicionam no centro a literatura consagrada no cânone estabelecido e delegam às margens a literatura produzida à margem. E constata: “são essas vozes, que se encontram nas margens do campo literário, cuja legitimidade para produzir literatura é permanentemente posta em questão” (2012, p. 11).

Embora a disposição organizacional do campo literário esteja sendo contestada a partir de fraturas de reposicionamentos que visam reconfigurar o sistema, significativas tensões se estabelecem no território em disputa. Tensões

afetivos de vozes e de assuntos relacionados à voz relativos a âmbitos específicos, mas que contém narrativas e conversam entre si” (NASCIMENTO, 2019, p. 24).

⁴ Leda Martins discute a noção e a delimita nos seguintes termos “diante dos [...] atos de fala e de performance [...] denominei oralituras, matizando nesse termo a singular inscrição do registro oral que, como littera, “letra”, grafa o sujeito no território narratário e enunciativo de uma nação, imprimindo, ainda, no neologismo, seu valor de litora, “rasura” da linguagem, alteração significativa, constituinte da diferença e da alteridade dos sujeitos, da cultura e das suas representações simbólicas” (2021, p. 25).

entre a ‘autenticidade’ do depoimento e a legitimidade (socialmente construída) da obra de arte literária, entre a voz autoral e a representatividade de grupo e até entre o elitismo próprio do campo literário e a necessidade de democratização da produção artística

DALCASTAGNÈ, 2012, p. 17.

É esse o desenho insípido de um horizonte especulatório com muito ainda por se fazer. Que nos dois últimos decênios, desde a reviravolta impulsionada por Ferréz, com a edição de números da Revista Caros Amigos voltada para a publicação de poetas das margens, sua própria produção literária devedora de nossa gênese precursora, a escritora Carolina Maria de Jesus, com sua gramática do cotidiano, escrita que nasce de outra potência da língua portuguesa, com o pretuguês assinalado outrora por Lélia Gonzalez, devotada com um terrorismo literário intenso carregado com a linguagem, as vidas e as relações da favela, e a partir também da impulsão de coletivos literários como a Cooperifa, que transformou um bar periférico da zona sul de São Paulo em centro cultural, com a escrita cortante e o manifesto da antropofagia periférica, a voz altissonante do poeta Sérgio Vaz que ressoa, a arte que liberta não pode vir da mão que escraviza, enfim, desde a guinada dos anos 1990, de onde aflora a literatura marginal que não é de forma alguma aquela literatura produzida pela geração mimeógrafo, com seus pares provindos de uma classe média burguesa também contestatória do cânone, e ao mesmo tempo não deixa de ser uma literatura veiculada à margem do corredor editorial, é essa literatura latente e manifesta nos territórios das periferias brasileiras que invade com sua revolta coetânea cada palmo dessa estúpida e estupefaciente experiência pós-moderna, fragmentada, cindida de rupturas, sonhos e esperanças, experiência inconclusa e adormecida em cada âmago cujo cálamo e a voz aguardam sua audição, sua interlocução, sua coexistência.

Problemáticas historicamente consistentes: a deriva conceitual

A partir da constatação de Dalcastagnè de que “na narrativa brasileira contemporânea é marcante a ausência quase absoluta de representantes das classes populares” (2012, p. 18), imbuímos apresentar em seu posicionamento a falha que leva a uma contradição, relegando ao apagamento as literaturas em efervescência que derivam das rodas de slams, batalhas de rima, oralituras, literaruas, teatros de rua, editoras independentes, bibliotecas comunitárias, entre outras formas, múltiplas e divergentes, do fazer literário. A afirmação da pesquisadora apresenta um equívoco descritivo, que resulta do pensamento sociológico sistematizado que relaciona a literatura ao texto escrito e publicado que atinge a repercussão pública por meio da vendagem de livros. Nossa contemporaneidade, com a amplitude das formas do fazer literário, roga a exigência de sua problematização, reconfiguração e superação da ideia de sistema literário brasileiro prefigurado por Antonio Candido, na velha forma autor/obra/leitor.

Logo na introdução de seu trabalho dissertativo – estudo basilar para aproximação compreensiva desse campo –, Érica Peçanha do Nascimento pontuou que o termo “Literatura Marginal” inflou e culminou em diferentes significações, originando um terreno nebuloso de entendimento e definições,

Isso porque a expressão “literatura marginal” serviu para classificar as obras literárias produzidas e veiculadas à margem do corredor editorial; que não pertencem ou que se opõem aos cânones estabelecidos; que são de autoria de escritores originários de grupos sociais marginalizados; ou ainda, que tematizam o que é peculiar aos sujeitos e espaços tidos como “marginais” (2006, p. 1).

Mário Medeiros, em sua tese seminal, publicada a pouco mais de dez anos, que dedicou tanto à questão da literatura negra quanto periférica, tratou ambas as instâncias como ideias que se constituem em problemas historicamente consistentes que visou demonstrar ao longo de seu texto, com bases científicas e sociológicas, exumando e coligindo uma extensa gama de arquivos, mas que, na percepção do sociólogo, não chegam a se maturar propriamente em conceitos.

Em sua pesquisa, defendida em 2011, Medeiros retomou o debate em duas frentes, trazendo para o centro das preocupações teóricas tanto a questão negra, quanto à questão marginal:

As Literaturas Negra e Marginal serão tratadas aqui como ideias. Não são confecções literárias suficientemente sistematizadas e sobre as quais haja um consenso analítico razoável para serem denominadas por conceitos, embora muito citadas, defendidas ou atacadas. Todavia, também são mais que categorias explicativas de análise, como ferramentas que sirvam apenas para elucidar um problema maior. Elas, em si, já se constituem em problemáticas historicamente consistentes (MEDEIROS, 2011, p. 19).

Embora a discussão sobre a literatura negra – relevante em extremo vigor – se localize indissociável ao problema geral, detemos nossa atenção, prioritariamente, na órbita do marginal e do periférico. A evidência, para o momento de publicação da pesquisa, de problemática historicamente consistente é, para além de fato histórico, o marco sociológico de um território em plena expansão especulatória. Conforme o pesquisador tratou a questão, se há uma década exalava o ardor de uma ideia, em nosso tempo hodierno, a urgência de consolidação teórica impulsiona a apropriação da ideia meramente de categoria explicativa para a órbita da extensão conceitual, com arcabouço suficiente – desde produção literária, fortuna crítica, dados históricos, apontamentos dissertativos, teses e análises de sua estética dessa especificidade literária – para materializá-la definitivamente na classe dos conceitos.

A literatura marginal, na visada de Medeiros, com a guinada nos anos 1990, é “vista como um dado espacial e sócio-histórico” (2011, p. 102), ou

mais especificamente, “ela não é um estilo circunstancial de vida, ela é a própria vida, de cuja condição não se pode abdicar tão facilmente, pois é fenômeno estrutural e estruturante” (2011, p. 102). Cabe aqui o conceito de artista-cidadão, a serviço de sua comunidade, cunhado pelo poeta Sérgio Vaz, no Manifesto Antropofágico da Periferia. Artista que, consciente tanto de sua marginalização social e territorial, engendra seu ativismo social e sua atividade estética por meio da palavra literária.

O dilema coletivo transparece como o dispositivo nuclear da produção literária marginal e periférica, todavia são os próprios atores periféricos que tomam o protagonismo da cena teórica e atuam no palco de interpretação, elucidando os mecanismos de exclusão social. Para tanto, a escritura marginal e periférica subtende, desde o princípio, o caráter marginal das produções, sob o istmo de

Marginalidade compreendida como participação desigual e subalternizada no sistema social e literário, em sua forma produtiva (no que tange aos recursos), distributiva (enquanto acesso a um público) e de consumo (referente à recepção) dessas manifestações em seus respectivos sistemas culturais de atuação (MEDEIROS, 2011, p. 51)

Assim, a narrativização da órbita marginal e periférica, explorada por escritores oriundos de favelas, periferias e espaços prisionais, enraizada num projeto político que extrapola o próprio terreno da literatura, com engajamento comprometido contra a opressão social, privilegiando temáticas frequentemente voltadas para a realidade marginal e subalterna, englobando questões como crime, desigualdade, preconceito, violência, miséria, liberdade, superação, redenção, com uma linguagem pautada geralmente na oralidade, e entrelaçando num mesmo suporte celeuma de gêneros literários distintos, como, por exemplo, o romance, a memória, a reportagem, tudo isso, como explica Alejandro Reyes Arias (2011, p. 13), dimensiona o projeto formal-temático, político e social do fenômeno estético organizado nas quebradas. Em termos de experiência estética, o fenômeno consubstancia a apoteose da *escrevivência*⁵, noção terminológica que Conceição Evaristo lapidou e discerniu com o conceito a essência de sua própria escritura.

Como Reyes assevera, em termos de relações de força que organizam a legitimidade do campo literário, a disputa conceitual em prol de produção, circulação e teorização de uma literatura marginal e periférica,

explicita, portanto, uma diferença: não é a mesma coisa escrever do ponto de vista do favelado, periférico, marginal, que do ponto de vista da classe média, e essa diferença tem de ser reconhecida e salientada, inclusive porque é essa diferença o que possibilita um olhar aguçado sobre a doença do país e do mundo (REYES, 2011, p. 7).

⁵ O conceito de “escrevivência” foi registrado pela primeira vez na dissertação de mestrado da escritora e pesquisadora Conceição Evaristo, em 1996, intitulada *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*, quando se referiu a escrita de Lima Barreto, evidenciando o locus social do subúrbio a uma experiência ousada em que a escrita inventiva do escritor se dava a partir de uma interrelação que transbordava o ato de “escrever-inscrevendo-e-se-vendo” (EVARISTO, 1996, p. 27).

Reyes advoga por um tipo de experiência hermenêutica que pela dificuldade de nomeação e delimitação teórica é mais significativo concentrar primeiro no fenômeno, visando esboçar os traços gerais, e posteriormente, quando a ideia externalizar clareza e forma, enfim, “nomeá-lo, com o uso de um termo provisório, sem dúvida arbitrário e inevitavelmente problemático” (2011, p. 13).

Uma década após a publicação do texto de Medeiros há evidências substanciais, e um acúmulo de textualidades expandidas, entre publicações veiculadas por editoras independentes, performances de sarau divulgadas e publicizadas nas diversas mídias, proliferação de coletivos literários, a exemplo da rede Periferia Brasileira de Letras⁶, e outras formas de divulgação e publicização de manifestações literárias provenientes dos territórios vulnerabilizados que depõem contra o viés categórico a que Antonio Candido resumiu outrora o sistema literário na tríade autos/obra/público leitor, embora aguardando o trabalho de uma crítica, teoria e história literária sistematizadas para sua historicização, sua análise e sua exposição teórica, no âmbito próprio dos estudos literários, mas que no seu cômputo de acúmulo e dispersão demovem a categorização de apenas problemática e, de outra maneira, com consequência epistemológica robusta para sua incorporação na classe dos conceitos.

Há muito por se fazer, no entanto, a fortuna crítica em torno dessa questão vem crescendo vertiginosamente.

Convocações: sem ponto-final

O desenho apresentado evidencia caminhos que extravasam o texto escrito. Como horizonte especulatório se realça a necessidade de explorar esse campo ainda novo e com uma vasta diversidade de composição. A linguagem viva e cotidiana da periferia emana a potência de seus mais velhos na figura de Carolina Maria de Jesus, Sérgio Vaz e tantos outros num canto uníssono de liberdade poética e criativa, pois se outrora o sarau da Cooperifa abriu espaço para as vozes periféricas, ou os Cadernos Negros para os textos escritos, hoje as batalhas de rima, as batalhas de slams, os coletivos literários, as bibliotecas comunitárias, as editoras independentes, bem como a propositura neste artigo sobre essa discussão necessária em um campo minado, mostra que nossa periferia está unida no centro de todas as coisas.

Nessa experiência, nossas vozes interditam, ditam e gritam o exercício da revolução no acúmulo das textualidades expandidas. Nossas formas de publicizar e divulgar em um arsenal heterogêneo clamam a precisão desses conceitos no campo de batalha das discussões críticas.

Conforme expressado por Antonio Candido no crucial ensaio que derivou de sua reflexão oriunda da maturidade de seu pensamento sociológico, O direito à literatura, “só numa sociedade igualitária os produtos

⁶ Como sítio da rede na internet informa: “a Periferia Brasileira de Letras é uma rede composta por coletivos literários que atuam em territórios de alta vulnerabilidade social. Com presença nacional, a PBL busca a territorialização de políticas públicas e a produção de conhecimento (pesquisas, seminários e publicações) sobre literatura em favelas e periferias brasileiras”. Disponível em: periferiabrasileiradeletras.org

literários poderão circular sem barreiras” (1988, p. 189), e tais barreiras, ainda muito poderosas, só serão derrubadas por meio de estratégias de ocupação da cena histórica, social e cultural, manifestadas na contemporaneidade, por exemplo, pela efervescência literária dos coletivos periféricos.

Assim, pela consciência de saber que a rua é nós, e que tudo que nós tem é nós, relembramos o exercício da escrevivência que outrora o menino Vitor, de seis anos, respondeu ser: “É escrever de nós” de mão dadas com o manifesto da antropofagia periférica: é tudo nosso!

Reafirmamos as várias modalidades da escrita marginal e periférica, escritas mundus, ora resistentes no formato gráfico, ora no gestual, no performático de uma voz, de um corpo que presentifica não só falar como subalternizado, para convocar Gayatri Spivak, mas ser ouvido, pois já destruimos os orifícios das máscaras.



Jhenifer Santos, mestra em letras, integrante do Coletivo Papo Reto e do Núcleo de Estudo, organização e difusão do conhecimento sobre literatura marginal (NEOLIM).
jhev.0203@gmail.com



Jucelino Sales, escritor, doutor em literatura integrante do Coletivo Papo Reto e do Núcleo de Estudo, organização e difusão do conhecimento sobre literatura marginal (NEOLIM) e da Periferia Brasileira de Letras (PBL).
disallesart@gmail.com

PRETEXTO resenha crítica

Um romance que reinaugura a literatura em suas personagens negras

Horrara Moreira - RIO DE JANEIRO - RJ



Janaina Abilio

Existe classificação indicativa para livros? Essa pergunta me atravessou assim que comecei *É quase como voltar pra casa* de Janaína Abílio. Julgando o livro pela capa, fui acertada num lugar de afeto e como mãe solo com jornadas múltiplas de trabalho, decidi unir o útil ao agradável e ler o livro com meu filho antes de dormir. E aqui vai o primeiro aviso: tem coisas que crianças não deveriam ter de saber.

Nessa de querer fazer tudo ao mesmo tempo, matar dois coelhos numa cajadada só fui pega de surpresa logo nos primeiros parágrafos ou seriam estrofes? Com cenas mais que eróticas, a poética de Janaína é certamente inapropriada para determinados públicos mas extremamente sedutora para quem quer mergulhar denso.

Minha estratégia naquela noite então foi passear nas palavras com os olhos para ir

censurando, taxando, escolhendo o que dizer... Assim tornei *É quase como voltar pra casa* uma leitura íntima e secreta. Tive meus motivos para levar o assunto para terapia, já que Ava, personagem principal não interdita a si mesma em absolutamente nada.

A ausência de quem a autora escreve é tema de outros clássicos, que certamente é o lugar que *É quase como voltar pra casa* tem de ocupar. De uma cena comum na vida de muitos brasileiros, tanto que a máxima foi comprar cigarro e nunca mais voltou, ganha um novo contorno aqui. É nesse lugar que Janaína derruba a gente. No humor que fala da morte, da falta, da confusão, da raiva, do querer...

E, se derrepente você rir de nervoso ou de espanto, a transferência terá sido bem sucedida. O bluetooth do além foi pareado com sucesso. Entre sexualidades e chei-

ros de pele, segredos e silêncios, limites e fantasmas, Ava e Elaine, nos convidam para voos panorâmicos por paisagens que gentes comuns passeiam. E para o amor, coisa sobrenatural nos contornos dessas duas mulheres.

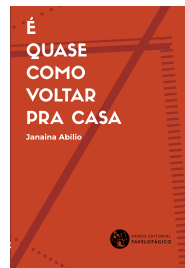
Mais uma vez penso que o que Janaína escreve devia vir com um aviso: Cuidado! Risco de capote em emoções complexas eventualmente sufocadas há muito tempo. Eu como resenhista desisto de tentar classificar: drama, suspense, comédia, erótico? Desafio para que faça você mesmo, porque Janaína escreve com a complexidade de uma vida. De quem pensa demais. De quem pulsa dúvida, tristeza, desespero.

O romance escrito na Residência Literária do Bando Editorial Favelofágico é um brinde, um soco, uma voadora na forma, no tema, no jeito de falar. É tiro certo no seletor grupo de autores consagrados no clichê da ausência paterna, sexualidade da mulher, da raça, mestiçagem e beleza suburbanas. E só é assim por que a palavra é arma empunhada por Janaína Abílio, matadora do tédio, escritora de elite.

Ah, um último aviso: É quase como voltar pra casa é contra indicado para leitura no transporte público, se não gosta de chorar no colo de quem você não conhece.



Horrara Moreira é mulher, mãe, migrante da periferia de Terra Vermelha em Vila Velha do Espírito Santo para as periferias do Rio de Janeiro. Onde começou a brincar sério de escrever. Formada em direito, ganha a vida como advogada e pesquisadora. Coordena o Bando Editorial Favelofágico.



É QUASE COMO
VOLTAR PRA CASA
Janaína Abílio

Bando Editorial
Favelofágico, 2022
140 págs.

RABISCOS quadrinhos

Will Rez - SÃO PAULO - SP

Israel Neto - SÃO PAULO - SP

Arte, designer e quadrinização. Roteiro e argumento.



“Se você ama essa cultura como eu amo essa cultura diga Hip Hop”
refrão popular utilizados em batalha de mc's em todo os país

"Deus é todo mundo sorrindo ao mesmo tempo"
Trecho da música "autoridade da razão" de Parteu

"O silêncio é uma prece"
Verso convocatório entoado no Sarau da Cooperifa





Will Rez, ilustrador, quadrinista, co-autor da HQ Afrofuturista “Por Um Fio” pela editora Kitembo 2021, editor e participante do Almanaque Kitembo 2K22 e 2K23. Publicou ainda em 2023 a Graphic novel autoral “O Show do Bilola” (Pé de Cabra, 2023).



Israel Neto é escritor, músico e editor na Kitembo Edições literárias do Futuro. Autor dos Livros Amor Banto em Terras Brasileiras (2011 e 2018), Os Planos Secretos do Regime (2019), Ancestral (2021) e Não Podemos Esperar (2020).

CRIAS texto literário 1

TORQUATA

Brena Maria - SÃO LUÍS- MA

Poeta, slammer e atriz. Campeã Slam de Cria 2023.

Quando eu pego meu cachimbo
E coloco a folha de fumo
Acendo, puxo e solto
Profundo canto ressoa em mim...

“Já sei de onde eu vim
Já sei pr’onde eu vou”

Por alguns segundos
Na fumaça do tempo
Vejo Torquata Amorim
Matriarca senhora
Na porta de casa
A cachimbar

Ela sorri.

“Já sei de onde eu vim
Já sei pr’onde eu vou”

Acendo, puxo e solto
A fumaça da memória
A preta velha ainda na porta
Acena
Puxa e solta
Nuvem cinza no ar
Minha bisavó
Do lado de lá
Eu do lado de cá
Aceno
Puxo e solto

Nuvem cinza no ar
Que sobe aos céus
Numa dança oração
Carregando toda minha tristeza
Fincando meus pés no chão
Arrepiando os cabelos de minha pele
Enquanto peço
Bença
Bença
Bença

Pra atravessar a correnteza
Chegar do outro lado inteira
A maresia é forte
Tem horas que baqueia
Dona Torquata estrela miúda

Alumeia
Alumeia
terra e mar

Pego o meu cachimbo de madeira
Acendo, puxo
Forte é o fumo
Que acinzentou o ar
E vai abrindo um portal
Onde me revejo fruto
De um buritizeiro ancestral

“Já sei de onde eu vim
Já sei pr’onde eu vou”

CRIAS texto literário 2

O MUNDO É O QUE NÓS FAZEMOS DELE

Letícia G. Scucato - PLANALTINA- DF

Estudante egressa do Ensino Médio – CEM02.

Aos 12, mamãe disse:

“Dobre esquinas, caminhe rápido
Não fale além do que te foi perguntado
Não faça contato visual
Não aja de forma suspeita
Baby, o mundo não é igual, só aceita.”

Camisas alvas, cabelo cortado
Quem diria, ele terminando o doutorado.
Agora quer provar que mamãe estava errada
“O mundo é o que nós fazemos dele”, defendeu.
E pelo certo, não tinha medo de porrada alguma
Sua maior recompensa era ensinar o que aprendeu.

De súbito, o óbito
O sangue que antes corria pelas veias
Agora escorre pelas vielas,
Lá se vai mais um filho, um irmão, um amigo
No Brasil ser preto e pobre é fator de risco
Quem nunca confundiu guarda chuva com fuzil?
Às vezes 80 balas perdidas acham o mesmo alvo
E o alvo vira tinto.

CRIAS texto literário 3

SÚPLICA

Clara Pinto - CAMAÇARI-BA

Atriz, poeta, slammer e criadora de conteúdo.

Você sabia
que aí dentro
dessa casca de pele que sangra
desses tormentos e inconstâncias
ainda existe a sua criança?

Sim. Aquela criança ainda está aí.
Pequena, leve, indefesa.
Mas também corajosa, astuciosa, verdadeira.
Querida o mundo, mas amava o seu pouco,
chorava profundo, ria com gosto...
Sentia!
Subia, descia
Caía, chorava
Amava, era amada
Ela acontecia.

E ela ainda acontece.
Escondida nas esquinas dos seus pensamentos,
calada enquanto você grita pro mundo
que não aguenta mais.

Ela sabe. Ela te conhece.
E sofre junto com cada lágrima que desce,
com cada frustração que te acomete,
com toda fuga de paz.

Ela te entende, e você não sabe, mas ela te acolhe.
É o abraço que você sente e não sabe de onde vem.
É a força que te envolve.

Sua criança está aí dentro,
e ainda penteia seus cabelos,
desfaz os nós e prende folgado.
Que é pra não machucar.

Ela torce todos os dias
pra que você encontre a saída
pro que tanto te faz chorar.

É a pessoa que mais te ama nessa vida,
porque só ela viveu sua vida,
sabe tudo que te faz doer.

E acredita que existe saída
Que seus sonhos ainda têm vida
E por isso, te suplica
que você não a deixe morrer.

Não a deixe morrer dentro de você.

CRIAS texto literário 4

DEPOIS DO PRIMEIRO GOLE

Zé Henrique - RIO BRANCO- AC

Poeta marginal, slammer e cantor.

E como que fica a mente?
De uma criança que cresceu
Em meio ao caos, do álcool, da violência do-
méstica e da prostituição.

Ultimamente eu não ando bem
(E isso já tem uns 10 anos)

Lembrar da minha infância
É sentir o cheiro de pinga
É lembrar do meu tio morgado no sofá da sala

É lembrar que...
Eu, um garotinho
Já carregava comigo a dúvida
Se depois de toda aquela farra,
No outro dia eu iria ter:
C-O-M-I-D-A

E eu ainda lembro do dia em
Que eu peguei no sono no sofá da sala
E acordei com os policiais armados
Entrando dentro de casa
Eles disseram: ACORDA VAGABUNDO!
E esse vagabundo, não era eu...

Do que me adiantava ter um pai?
Se nenhum afeto eu sentia
Vocês que estão lendo essa poesia
Eu te pergunto :
Quantas vezes a tua criança interior se sentiu
sozinha?

O “amor” poderia ter salvado a minha infância
Se passou 9 anos e foi o Slam quem salvou
minha vida

E quem diria... que logo eu,
Que mal gostava de ler
Transformaria a minha dor em poesia

Eu só queria ter dez minutos de conversa

Com o meu tio e um abraço sincero
O álcool levou a vida dele de mansinho
Até tirar por completo.

Aginaldo Venâncio, morreu na beira de uma
calçada, agonizando a Deus sem ter teto,
Amor e afeto.

O álcool anda me tirando a paz,
Desde do ventre da minha mãe
Que me faltava comida .
Porque o dinheiro da mistura,
O meu pai tinha gastado com
B-E-B-I-D-A.

Mas eu não julgo meu pai por isso
Porque a infância dele, também não foi boa.
É muito difícil ter saúde mental
Sendo criado em um seringal, tirando seringa.

Afeto de pai, ele também nunca teve.
Deve ser por isso que ele tem dificuldade
De falar um: “Eu te amo, filho.”

E essa história?
Anda se repetindo faz um tempo
Do meu avô, passou para os filhos
Mas só que se depender de mim
Não vai chegar no neto.

Meu único vício é a poesia!
E ela me levou até para os palcos
Do Rio de Janeiro, no Slam de Cria

Mas caso vocês forem que nem Tomé
E só acreditar vendo, cola lá na periferia
Vocês vão ver essa história
Não mais só na ponta da caneta

Vocês vão presenciar com os olhos
A dor do vício e a dor da fome
Que atinge várias famílias.

CRIAS texto literário 5

SAMBA DA ROSA

Henry Adriel - MONTENEGRO- RS

Escritor, poeta e MC

Hoje eu queria falar de amor neguin...
Coisas que vem do coração
Queria que fosse um samba alegre...
Mas é sobre solidão.
É que eu conheci o amor
Foram noites de carinho...
Como não falar da rosa ?
Se ainda dói o seu espinho...

É que a rosa foi embora
E sinceramente, sinceramente eu dou razão.
A rosa era teimosa, odiava enrolação!

Por isso ela fez tudo que estava ao seu alcan-
ce pra que eu falasse,
Mas eu era jovem, cheio de traumas
Até então eu só sabia conversar com arte...
E embora não faltasse..
Um samba ou um retrato de sua face...

Faltou comunicação.

E agora eu me vejo sozinho,
Só a poesia traz consolação!
Hoje a tristeza veio no barraco...
E juntos nós fez essa canção.

Que me lembram que hoje a rosa é isso.

Uma saudade
Uma lembrança...
Ainda sinto desejo por ela admito
Mas já perdi a esperança

É que eu escrevi uma carta
Buscando uma solução
E a falta de uma resposta,
Me ensinou bem mais que um não.

Disseram malandro bom não chora
Quando a mulher vai embora...
E em lágrimas me vi culpado
Mas senti o próprio malandro do lado...
Ele me disse chorar não é errado
Errado mesmo é viver de passado
E que essas lágrimas são de limpeza
Tem ensinamentos que só vem na tristeza...
E foi nessa hora eu tive certeza
De que na vida ainda existe beleza
Mesmo que a rosa ...
Não sente mais a minha mesa

Por isso neguinho não se cale
Fale,
Converse
Se expresse
Não se feche
Resolva as coisas com a sua amada...
Amanhã pode ser tarde,
Ela não querer mais nada...

Mas assim, assim ó:

Se um dia brotar outra rosa neguin...
Pro meu jardim enfeitar...
Juro que essa eu cuido em dobro,
Essa eu não deixo secar.

Hoje eu queria falar sobre amor...
Coisas que vem do coração!
Queria que fosse um samba alegre...
Mas é sobre solidão.
É que eu conheci o amor
Foram noites de carinho...
Como não falar da rosa ?
Se ainda dói o seu espinho...

CRIAS texto literário 6

EU-LÍRICO INCAPTURÁVEL

Iza Reis - BELO HORIZONTE- MG

Arte-educadora, apresentadora, slammer, contadora de histórias.

Eu junto seriedade e putaria
Pra te ensinar fazer filosofia.

Minha corrente de prata incomoda,
Compra na C&A me sufoca,
Trampar pra enriquecer patrão não me traz
me traz vantagem...

Eu sou do samba,
Eu sou da malandragem!
A chinela arreventada vai prega,
Roupa rasgada vai linha e agulha,

Aqui a coletividade é arte,
Mas calma...
Que Teu individual é a melhor parte!

É potência
É mistura
É ação

O preço de ser coletivo e a comunicação!
É solução-problema, da existência é dilema.

Teu corpo é palavra então não cala, o espírito
que fala dentro de você!
Move traz a ação
Para cada silenciamento , nascerá um tipo de
comunicação!

Se ponha no mundo, se cura, se cria!

Entre tantos afazeres diz aí nequinha
O diálogo interno tá em dia ?

Dessa correria eu tô ligada

Eu sou desconfiada

Desde de menô eu já tive de engolir muito nó,
A solidão não perguntou se podia,
Só entrou e se jogou!

Minha seriedade é herança da criança cujo o
riso foi preso Olha bem pra minha cara,

Bravo é cachorro não me compara

Eu sou delicada, o que difere o cacto da rosa é
a falta de água.

Carcará,

A capacidade única de se adaptar mediante a
tantas paranóias , solidão, desprezo, medo,
Amor, AMOR, AMOR é a minha força mais
poderosa!!!!!!

Inventaram um monte de definição pra dizer
que nós, A juventude somos o problema?
Logo nós que traz a fórmula da vida codifica-
da num passinho malado!

Fazendo muito com tão pouco,
pó descolorante e água oxigenada no corpo,
com uma caneta na mão fazendo revolução
em cima da laje.

Pega visão não pega viagem

Água, fogo, mata, baile funk é Ancestralidade.
Batendo no peito e fazendo arte com respon-
sabilidade

Nossa malemolência é tecnologia artística,
que dribla as estatísticas com pés ligeiros e
impalpáveis.

A Inteligência favelada sobressaiu sobre a Aia
e codificou o Eu-lírico incapturável.

LOMBRA Coletivos Literários**Slam das Mulé - Camaçari - BA**

Lara Nunes, membro do Slam das Mulé e rede PBL



Em 2018, a partir de uma inquietação sobre a escassez de protagonismo feminino nas manifestações artísticas alternativas em Camaçari/BA, as amigas Juliana Valle e Rozane Kelly tiveram uma ideia: e se a gente criasse uma batalha de poesia? Depois de uma pequena pesquisa pelo público que já consumia as batalhas de rima da Praça Abrantes, um espaço tão central quanto marginalizado da cidade, encontraram algumas poetisas dispostas a competir num poetry slam, assim como artistas mulheres e LGBTQIAPN+ de diversas áreas que poderiam acrescentar intervenções, exposições e feiras de economia criativa à dinâmica do evento. Assim, sem nenhum tipo de incentivo político ou apoio financeiro, surgiu o **Slam das Mulé**: uma batalha de poesia falada com recorte de gênero organizada e disputada por mulheres.

Por meio dessas batalhas, o Slam das Mulé tem impactado positivamente a trajetória de muitas meninas que se descobriram poetisas ou conseguiram alavancar suas carreiras na literatura participando de campeonatos estaduais e nacionais de poesia. São seis representações em campeonatos nacionais: Slam BR 2018 e Torneio Nacional Singulares de Poesia 2019 com a poeta Lara Nunes (Dias d'Ávila/BA); Slam BR 2022 e Slam das Minas BR 2023 com a poeta Natali Mota (Candeias/BA); Torneio Nacional Singulares de Poesia 2023 com a poeta Clara Pinto (Camaçari/BA); e Slam BR 2023 com a poeta Eliza Metzker (Teixeira de Freitas/BA). Essas representantes, assim como todas as artistas que passam pela ágora do slam, mostram a força e a potência da poesia falada baiana produzida por mulheres e pessoas LGBTQIAPN+, que carregam em seus textos críticas e reflexões sociais, experiências pessoais e temáticas que vão desde o enfrentamento às violências até o fortalecimento de autoestima, afeto e coletividade. Além disso, o alcance do Slam das Mulé a diferentes municípios o configura como pólo de intercâmbio cultural entre territórios de identidade da Bahia, servindo de referência desde a Região Metropolitana (RMS) até o Extremo Sul.

No entanto, não é só dos circuitos de poesia falada que vive esse coletivo. O Slam das Mulé também se estende a atividades como ciclos de formação de novas poetisas, oficinas de escrita criativa e de fanzines autorais, ações em escolas e performances poéticas diversas em festas e feiras literárias, mostrando o manancial de possibilidades que o movimento slam pode abarcar. Sementes da Cidade Industrial, como Camaçari é conhecida por sediar o maior complexo industrial integrado do Hemisfério Sul, as palavras proferidas na arena da poesia são capazes de perfurar o solo, dissipar a fumaça e inventar novos futuros.



Slam das Mulé

Com cinco anos de trajetória, a equipe do Slam, hoje formada por Juliana Valle, Eliza Braz, Lara Nunes, Isabella Souza e Tárík Lira, segue percorrendo caminhos que não são fáceis, mas que valem a pena por cada verso disparado que atinge a vida de alguém. Buscando estabelecer relações entre arte, cultura, educação e saúde, seja nas ruas, nas escolas, nos museus ou nas redes sociais, essas poetisas, que também são múltiplas, educadoras, produtoras, cantoras, compositoras, cientistas, mães, irmãs, amigas e tantas coisas mais, se inscrevem na história da Bahia e do Brasil como manifesto vivo e pulsante no coração da margem.

Nós somos a falha concreta do sistema
O movimento da cena
Os versos que soam e ecoam na pista

Com o dedo na ferida
Pra que esteja sempre a vista
Que Camaçari também é fábrica de artista!

JULIANA VALLE | LARA NUNES

LOMBRA Coletivos Literários

Rede Baixada Literária - Nova Iguaçu - RJ

Isadora Escalante, membro da Rede Baixada Literária



A **Rede Baixada Literária** é um coletivo de 20 bibliotecas comunitárias que, conduzido exclusivamente por mulheres, atua para contribuir com a democratização do acesso ao livro, à leitura e à literatura como Direito Humano na cidade de Nova Iguaçu. O coletivo está organizado sob a gestão de instituições sociais e grupos comunitários que defendem os direitos universais para as comunidades vulneráveis na periferia do município.

As organizações sociais que antes desempenhavam um trabalho de incentivo à leitura de forma isolada, em 2009 se unem para potencializar as políticas públicas na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas. Nessa caminhada de mais de dez anos, a Rede se tornou uma referência na formação de leitores e na garantia do acesso ao livro literário, por utilizar como metodologia a tecnologia social Programa Prazer em Ler (PPL), com 9 eixos de atuação: gestão compartilhada, mediação de leitura, espaço e acervo, enraizamento comunitário, articulação, mobilização de recursos, comunicação e incidência em políticas públicas.

Os processos colaborativos do eixo de gestão compartilhada têm ênfase no diálogo, que proporciona equidade de participação, com a divisão do poder de decisão e responsabilidades, e visão integrada de planejamento baseada na confiança. Além do desenvolvimento da capacidade de atuar em conjunto no monitoramento, na execução financeira e na prestação de contas.

Em relação ao eixo de mediação de leitura, as bibliotecas comunitárias que são integrantes da Rede desenvolvem atividades para a promoção da literatura. Dentre elas, podemos citar: Contação de histórias; Leitura Compartilhada; Empréstimo de Livros; Oficinas de escrita criativa, ilustração, fanzine, cartoneira e marcador de página; Mala Volante; Pé de Livro; Piquenique Literário; Cine Comunidade; Poesia ao Pé do Ouvido; Leitor do Mês; Autor Homenageado; Baú de história; e Jogos Literários (atividades que incluem o livro e a literatura em jogos de tabuleiro e populares): Batalha Naval Literária, Dominó Literário, Bingo Humano, Corrida do Livro, Pique Bandeirinha Literário, Jogo da Memória, Caça Palavras, Caça ao Tesouro, Quem sou eu? e Super Trunfo Literário. Para além dessas atividades, a Rede realiza eventos culturais que envolvem outros segmentos da Cultura, tais como: Saraus, Ocupa Literatura, Bate papo com autores e ilustradores, etc.

A Rede construiu uma trajetória expressiva na Incidência em Políticas Públicas, reunindo organizações sociais, profissionais da educação e da cultura, as cadeias do livro e representantes do poder público municipal para a criação e execução do Plano Municipal do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas (PMLLLB). Mensalmente as bibliotecas comunitárias realizam Fóruns Comunitários cujo objetivo é promover a participação social dos moradores nos processos de planejamento, execução, monitoramento e ava-



Rede Baixada Literária

liação das ações das bibliotecas e das políticas públicas do município. A intenção com todas as atividades é que as histórias sejam ouvidas, contadas e representadas por todos os cantos.

Em um contexto marcado pela desigualdade social, as bibliotecas comunitárias exercem um importante papel na difusão da cultura e acesso ao conhecimento. Todas as bibliotecas da Rede Baixada Literária dispõem de um acervo de qualidade com livros que dialogam com diversos temas, como igualdade de gênero, antirracismo, anti-LGBT-QIAP+fobia, povos indígenas e originários, entre outras temáticas relacionadas ao Direito Humano à leitura. Além disso, nos espaços há também um grande cuidado tanto com a ambientação quanto com a acessibilidade e diversidade no atendimento aos leitores com vistas à inclusão comunicacional a partir dos livros literários de diversos gêneros. As bibliotecas contam com impressões de obras em braille, audiobooks e headphones tanto para escuta dos audiobooks quanto para ouvir os contos dos Podcasts Literatura ao Pé do Ouvido produzido pela própria Rede Baixada Literária.

A Rede utiliza como ferramenta basilar nas práticas e ações culturais das bibliotecas comunitárias a Agenda 2030. Por meio da literatura e, principalmente, pela garantia do acesso à informação, apoia os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). A cada ano busca promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida, de empoderamento de meninas e mulheres, de redução das desigualdades através da formação de leitores, do acesso à leitura literária e da participação social. Fortalecendo, assim, a base comunitária periférica em prol de um mundo melhor e do bem viver para todos.

LOMBRA Coletivos Literários**Coletivo Papo Reto - Planaltina, DF**

Jucelino Sales, membro do Coletivo Papo Reto e rede PBL



O **Coletivo Papo Reto** surgiu no início de 2021, a partir de uma ideia da orientadora educacional Keila Nazaré da Cunha (SEEDF), de constituir um corpo de pessoas integradas com a promoção de valores e do protagonismo no ambiente escolar, que originou o Projeto Papo Reto: Projeto de Vida, Cultura, Valores e Protagonismo Estudantil. O coletivo é um desdobramento desse projeto embrionário, envolvendo principalmente professores da rede pública do Distrito Federal e estudantes colaboradores que abraçaram a iniciativa, com escopo centralizado no desenvolvimento artístico-literário, visando amplificar os processos criativos por meio da literatura e da escrita. Não é uma associação juridicamente constituída, mas o esforço de um trabalho integrativo, interdisciplinar e partilhado, no espaço de uma escola pública, de centro-periferia, por meio de um corpo de pessoas sensíveis às demandas culturais, artísticas e literárias, que tem por finalidade principal a execução de ações que oportunizem a expressão e a manifestação do protagonismo por meio da produção, da promoção das literaturas, das culturas e das artes em geral e da celebração da imaginação criativa, com atuação prioritária na unidade escolar, mas com intenção de expandir suas ideias para outros espaços escolares e comunitários.

Entre os objetivos relevância pública, literária, cultural e artística que o coletivo promove destacam-se: a) o protagonismo individual e coletivo do estudante, integrando aprendizagens, ética, participação, vivências e experiências socioculturais com investimento nos processos criativos; b) o apoio, estímulo, fomento e valorização do multiculturalismo, por meio da visibilização da produção, dos sentidos e das manifestações artístico-literárias, com atenção aos desígnios da heterogeneidade, do hibridismo e da multiplicidade, em sua dimensão libertária e sociabilidade com ética e cidadania, repudiando quaisquer formas de preconceitos (étnico-racial, de gênero, etc.), e respeitando a liberdade de expressão; c) a contribuição para a conscientização das pessoas e para a formação de um pensamento crítico-reflexivo, capaz de compreender o processo estético; d) a difusão da Lei nº 13.696, de 12 de julho de 2018, que institui a Política Nacional de Leitura e Escrita; e) o fomento ao debate em torno das culturas afro-brasileiras a partir da celebração da consciência negra, das literaturas negro-brasileira e afrodescendente; f) a reafirmação e a promoção da produção estética da literatura marginal e periférica, em sua diversidade heteróclita e multifacetada, especialmente a escrita criativa de produtores/escritores marginais e periféricos, como direito político à literatura; etc.

O coletivo promove no Centro de Ensino Médio 02 de Planaltina o edital de premiações Coletânea Papo Reto de Artistas Juvenis, incentivando a criatividade do estudante com recorte nos temas transversais, tais como educação em e para os direitos humanos, educação para a diversidade, educação para a cidadania, bem como o letramento racial literário. O prêmio já está em sua 3ª edição em 2023. Em 2021, elegeu-se o debate em torno



foto: acervo Coletivo Papo Reto

Coletivo Papo Reto

da consciência negra com consolidação dos processos criativos a partir da questão negra que resultou na elaboração de textos literários, nos gêneros estéticos poema e conto, de textos pictóricos, nas categorias desenho e/ou pintura e de textos imagéticos, na modalidade fotografia. Nesse sentido, diante das demandas contemporâneas, como é o caso da “consciência negra”, o prêmio promoveu o debate sobre essa questão primordial no âmbito societário, artístico e cultural brasileiro, por meio do cultivo da criatividade protagonizada pelos estudantes, com o ensejo de articular o franco debate tanto em torno de uma consciência valorizadora das culturas, entre as quais as culturas negras, como também a respeito do fosso das desigualdades que afetam os próprios estudantes no transcurso da experiência educacional. Em 2022, o tema eleito foi cultura da paz e prevenção da violência escolar. Já em 2023, o certame desencadeou em torno da temática respeito, amor e (auto)cuidado. A intencionalidade é sempre o fomento a processos criativos que engrandecem a cidadania estudantil, agregando ética e estética.

Também iniciou em 2023 o projeto de pesquisa Papo Reto na escola: arte, cultura e literatura, financiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF), coordenado pelos integrantes do coletivo, os pesquisadores Jucelino de Sales (professor, doutor em literatura, escritor) e Jhenifer Emanuely Rodrigues dos Santos (professora, mestra em estudos literários, arte-educadora, oficina de escrita criativa). Integram o projeto de pesquisa como bolsistas, os estudantes: Paulo Henrique Rodrigues Barreto (2º semestre de Letras – UnB) e Letícia Colli (2ª série do novo ensino médio – CEM02 de Planaltina).



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

Coordenação de Cooperação Social